



Cónego Heitor

SANTIDADE NAS VERTENTES

Nhá Chica e Isabel Cristina estão a um passo da Canonização pela Igreja Católica. Mas outra força e outros nomes também movem a devoção de fiéis no Campo das Vertentes – são os chamados "Santos Populares", em quem cris-

tãos depositam fé e orações fora dos altares oficiais. Ou quase isso. Em Nazareno, a esperança em Cónego Heitor se fortalece 70 anos após sua morte – e não faltam testemunhos sobre isso na Comunidade.

Pág. 12

Ao Pé da Fogueira

"Convida-a para saírem juntos. Prepara-se para tal. Para impressionar, decide levar a jovem a um badalado concerto sinfônico, na verdade um megaespectáculo de ópera – 'Carmen' de Georges Bizet. Diga-se de passagem: pouco ou nada entendia de música clássica."

Pág. 20

Os bastidores do boletim feito por e para nossa gente

"Não vai passar de dez edições", disseram certa vez sobre nosso boletim. Mas cá está ele. De cara nova e com a missão de sempre, o *Sabores & Saberes* celebra o número 200. Até aqui, trouxemos milhares de textos, incontáveis informações e valiosos fragmentos de nossa Memória – tudo garimpado por gente que ama, enaltece e luta pela cultura.

Págs. 3 a 5

Denominações de logradouros e espaços públicos

Pág. 18



Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

Nº 200

Somos uma publicação despretensiosa, apolítica, apartidária, pluralista, humanista, eclética comprometida tão somente com o resgate e disseminação da rica memória coletiva e diversidade cultural.

Sabores/saberes que nos remontam ao passado e primórdios de povoamento, onde as necessidades de sobrevivência impunham desenvolvimento de cozinha e ofícios manuais, regados a muita prosa.

A valorização do passado no presente, a emergência e atualização do patrimônio cultural imaterial, através de sua identificação, representação eivadas de crenças, expressões, fazeres, casos, tradições, mitos.

Processos de registro e transmissão muitas vezes se fragmentaram à falta de confirmação/valorização social, não fixação escrita, dada a inexistência ou precariedade de jornais, escritores e quando existiram, viram-se olvidados, rejeitados.

A coletividade com sua marca, identidade, fisionomia própria, multiplicidade de comportamentos, diversidade de experiências, padrões/conformações de sociabilidade.

Povoações e minerações que após a retração das lavras, estabeleceram-se como centros de vida rural, geradoras de alimentos e autosuficiência abastecedoras dos grandes núcleos urbanos.

A vida cotidiana que se fortalece no ritual da fé, no universo familiar, fartura das fazendas, a presença feminina, festas, falares, a imagem típica do mineiro cuja singularidade, no dizer de Georg Simmel, revelam a totalidade do significado (Obra La Filosofia del dinero – p. 12).

O mineiro conservaria a imagem da conciliação, hospitalidade, boa prosa, laços societários e de amizade e assim como nossos antepassados mineradores, o saber extrair segredos das montanhas ou dos reconditos da memória.

Tradição e inovação compõem a multissecular imagem de nossa gente, nosso território. Riqueza da gastronomia, artesanato, manufaturas, figuras humanas

A alma mineira, enfim, reproduzida há 200 edições!

Adivinhas/charadas



- 1- Qual o único amigo que nós não conhecemos?
- 2- Como é que o homem invisível chama seus parentes?
- 3- Qual o tipo de pessoas que mais vai ao programa de entrevistas?

Respostas: 1- O amigo-oculto; 2- Transparentes; 3- O entrevistador

Provérbios e Adágios

- Quem vive entre cachorros, leva vida de cão
- Cem homens formam um acampamento, mas é preciso uma mulher para se formar um lar (*provérbio chinês*)
- FELIZ quem não tem sócio.
- Entrar por um ouvido e sair pelo outro.

Para refletir

- Sem um fim social, o saber será a maior das futilidades
(*Gilberto Freyre*)
- Investir em conhecimento rende sempre melhores juros
(*Benjamim Franklin*)
- Tudo que é difícil deve ser tentado enquanto é fácil
(*Lao Tzu*)
- A utopia serve para que eu não pare de caminhar
(*Eduardo Galeano*)
- E também eu, que não me perdi, experimentei a perdição
(*Clarice Lispector*)

Carta do Leitor

Recebemos/Agradecemos

“ Gostaria de um dar o feedback ao *Boletim Sabores & Saberes* que tem sempre chegado em minha casa. Vocês têm feito um trabalho grandioso, de muito afinho e esmero, tão necessário para a preservação de nossos valores! Coisa fina, rica e rara em nossos dias. Hoje mesmo lancei todas as informações genealógicas da matéria do Sr. Olímpio de Castro do 'Family Search'. Parabéns! Agradeço muito por essa joia. ”

Cristiano Caetano – Bom Sucesso

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Maria Luíza Santiago de Paula
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)



Sabores, saberes, memória e Cooperação

Pode até parecer que não, mas Confúcio, Rui Barbosa e Bob Marley podem coabitar a mesma conversa e a mesma linha de pensamentos harmonicamente. É João Pinto de Oliveira quem, entre citações de todos os três, prova isso.

Oliveira é membro-fundador e presidente do Conselho de Administração do Sicoob Credivertentes. E na liderança da Cooperativa de Crédito defende muito mais que Justiça Financeira. Para ele, é essencial primar por Cultura, Informação, Conhecimento e, acima de tudo, Memória.

É nesse ponto (exatamente nele) que consegue construir, com maestria, uma relação transformadora entre o filósofo, o político e o músico citados no início desta matéria. Tudo isso enquanto revisita parte da história do *Sabores & Saberes*, boletim que idealizou e para o qual cria conteúdos mensalmente.

Dizem que ideias inovadoras têm berço em lacunas e necessidades (inclusive de inovação). Como foi, então, que a proposta de um impresso memorialístico veio à tona?

JOÃO PINTO DE OLIVEIRA – Havia no

Campo das Vertentes, e especialmente em São Tiago, uma contradição: sabíamos que a região e a cidade eram ricas em histórias e protagonistas; embora pouco ou quase nada estivesse registrado na imprensa ou nos livros. Na verdade, nosso acervo resistia na memória de algumas pessoas, na oralidade e em documentos pouco acessados. Era preciso reunir, organizar e propagar tudo isso.

Foi, portanto, um trabalho literal de resgate?

JOÃO PINTO DE OLIVEIRA – Sim. Estamos, vale lembrar, no berço da Inconfidência Mineira. Mas há outros capítulos igualmente revolucionários e importantes a serem contados, impressos, levados ao conhecimento das pessoas. Daí termos artigos que envolvem desde a passagem de August Saint-Hilaire pela região, dois séculos atrás; aos causos do Padre José Duque, em São Tiago. Isso sem falar em pessoas consideradas comuns que tiveram feitos extraordinários em nossas Comunidades. Há um trabalho de reconhecimento, enaltecimento e inspiração também.

Ou seja: há um propósito que, a princípio, pode ter sido considerado usado...

JOÃO PINTO DE OLIVEIRA – Para ser honesto, houve quem o considerasse desnecessário. Houve, sim, descrença em torno do boletim – algo sintomático numa sociedade que rotula o passado meramente como arcaico, obsoleto e até descartável. Falar sobre Memória, então, requer conscientizar sobre ela, mostrar que não há desenvolvimento sem Cultura, Tradição e Informação. É preciso saber de onde viemos para valorizar onde estamos e vislumbrar onde exatamente queremos chegar – seja como cidadãos, famílias, comunidades.

Não deve ser fácil, portanto...

JOÃO PINTO DE OLIVEIRA – Bom, sobre isso gosto de contar o seguinte: quando lançamos a primeira edição do boletim memorialístico, ouvimos que teríamos conteúdo para no máximo dez edições. Ironicamente, chegamos a 200 – e há conteúdo para mais 200.



Redefinindo - e compartilhando - preciosidades

Em cofres? Não. No Centro Administrativo do Sicoob Crediverentes, há quem diga que tesouros estão em gavetas, pastas e arquivos de computador. Todos catalogados e cuidados por Ana Clara de Paula, secretária do Conselho de Administração. É que cabe a ela, rotineiramente, lidar com documentos, recortes, escritos e registros que se transformam, depois, em artigos do boletim *Sabores & Saberes*. Tudo isso enquanto conecta, com doçura, destreza e eficiência, a rede de colaboradores que se dedicam ao impresso.

Você aparece como coordenadora no Expediente do boletim. Como é, exatamente, sua atuação?

ANA CLARA – Parte do processo consiste em organizar materiais. O Senhor João é um pesquisador fervoroso e minucioso que sempre chega com conteúdos novos – sejam eles trechos de livros, cópias de documentos raros, anotações dele, rascunhos de artigos feitos à mão. Filtro tudo por temas e vou catalogando.

Mensalmente, então, nos reunimos para conversar sobre o que será publicado, de que forma a informação será distribuída, o que será prioridade ou destaque. E vou te dizer: temos o suficiente para pelo menos mais 200 *Sabores & Saberes*.

Por falar nisso, você compõe a comissão do boletim desde a edição número 2. Isso significa que seu trabalho ajuda a resgatar a Memória e fomentar pesquisas escolares há mais de 17 anos...

ANA CLARA – Confesso que está aí um motivo de muito orgulho, aliás. Minha mãe (Dona Glória) era fã do boletim e o colecionava. Lembro que guardava tudo em pastas, edição a edição, e sabia qual número poderia ajudar um neto numa pesquisa. São cenas que me dão saudade e me ensinaram muito sobre valorizar, registrar e compartilhar a Memória. A riqueza do *Sabores & Saberes* também está nisso.

Entre tudo o que garimpou em seu

trabalho e levou ao público, qual o tema mais impactante para você?

ANA CLARA – Acho que os artigos sobre Patrício Lopes de Sousa (*são-tiaguense que deixou a cidade aos 17 anos, no início do Século XIX; e se tornou desbravador do Oeste Paulista, chegando a possuir mais de 207 mil alqueires de terras entre São Paulo e Mato Grosso do Sul. Perdeu tudo com a ação de grileiros e morreu sozinho, sem posses, na terra natal*).

Aparentemente, tenho até algum parentesco distante com ele – mas só soube dessa história impressionante via boletim, como muita gente.

Mais uma prova, então, da importância da Memória?

ANA CLARA – Com toda certeza. Sem ela, como vamos nos guiar? Na verdade, sem Memória quem somos? O que aprendemos? O que vamos ensinar? Por isso sempre digo: além de colaboradora, sou admiradora do boletim.

POR TRÁS DO BOLETIM

Alessio de Oliveira Pires



Arquitetando a Memória - e a informação

O olhar de Aléssio Pires enquanto folheia uma edição do *Sabores & Saberes* é curioso. Diferente de um leitor que absorve linha a linha; Pires encara o impresso com a calma de quem decifra Mona Lisa no Louvre. E faz todo sentido: cada uma das 20 páginas do boletim é, na verdade, uma obra de arte montada minuciosamente por ele. São margens e cabeçalhos; letras e cores; criatividade livre misturada a parcimônia e técnica.

Conheça, nesta entrevista, nosso diagramador.

Podemos dizer, de maneira simples, que você é um verdadeiro arquiteto no boletim?

ALÉSSIO PIRES – De certa forma... A minha função é estruturar o conteúdo num espaço definido.

Mas não se trata de apenas... distribuir ou encaixar textos e fotos ali. Há muito

cuidado, na verdade, para que tudo fique visível, harmonizado, confortável e interessante para o leitor. É nos detalhes que se garante o conjunto.

Bom... Você empresta seu talento e conhecimento ao boletim, mensalmente, nos últimos dez anos. Qual o impacto de todo esse tempo e dessa longevidade no seu trabalho?

ALÉSSIO PIRES – É interessante porque em cada número descubro um pouco mais sobre as expectativas do Senhor João; o que agrada os leitores; o que funciona melhor etc. Perceber esses detalhes e saber que consigo alinhar tudo é muito gratificante – mas cresce a responsabilidade, também, de entregar resultados que surpreendam de alguma forma.

E como funciona seu processo criativo?

ALÉSSIO PIRES – Antes de diagramador, sou um leitor também. Pessoalmente, aprendo muita coisa interessante sobre a região. Mas há ainda, tem também o fator técnico. Na verdade, não basta bater o olho no título pra escolher o que vai ilustrar um artigo – vai muito além disso!

Só consigo criar se absorvo o que vai ser publicado, capto a mensagem de quem escreve os textos. Ao mesmo tempo, preciso pensar em quem receberá o boletim pronto, em mãos.

Nessas horas, conversar com minha família e pedir opiniões ajuda muito, amplia a visão.

Quer dizer, então, que o *Sabores & Saberes* envolve Cooperação inclusive nos bastidores?

ALÉSSIO PIRES – Ah! Com certeza! Além de muito carinho e dedicação também!

O DONO DA BOLA

O paranaense Raul Guilherme Plassmann foi um futebolista que atuando na posição de goleiro se consolidou como um dos maiores de sua época, anos 60, 70 e 80. Em 1965 ele se transferiu do São Paulo Futebol Clube para o Cruzeiro de Belo Horizonte, onde se immortalizou, futebolisticamente falando. Depois do Cruzeiro foi jogar pelo Flamengo onde ganhou tudo o que era possível. Na sua estreia, no Mineirão contra o Atlético, substituindo emergencialmente o goleiro titular Tonho que havia adoecido, descobriu no vestiário que a camisa de goleiro disponível não servia, era pequena demais para ele, um homem de porte físico avantajado. O lateral esquerdo Neco emprestou sua camisa social de malha amarela com gola role que recebendo um pedaço de esparadrapo nas costas para fazer o número 1 estava pronta para a estreia. Foi um assombro e um escândalo, pois os goleiros então somente usavam as cores preta e cinza. Durante muito tempo, antes de virar moda, o amarelo da camisa era um



O goleiro Raul (Fonte: jogadeterno.wixsite.com)

símbolo imbatível, invadindo as bandeiras celestes.

Na outra ponta da história, naquele mesmo período, estamos nós e as férias de fim de ano das escolas primárias em Minas Gerais. Duravam inacreditáveis três meses. Para profundo desgosto e desaprovção de alunos e professores, que alegam não terem sido democraticamente consultados, esta duração foi constante e metodicamente solapada sendo reduzida até muito pouco agora. Quase um roubo de direito adquirido, meio verdade meio piada! Mas, para um menino que morava na capital era um sonho. Passar este tempo todo na casa dos avós em São Tiago, livre, brincando e jogando bola sem limites de tempo e ocasião, era o suprasumo do desejo. Bolas eu sempre ganhava, mas ganhar também uma camisa de goleiro amarela com os cotovelos acolchoados e cinco estrelas azuis no peito foi o máximo. E jogando com ela, a camisa do Raul, eu não tinha medo. Saltava o máximo possível para fazer a defesa, alheio aos machucados, esfolados e sangue prováveis nas pernas, nos joelhos e cotovelos. Eu estava preparado.

O Dono da Bola é uma figura controversa, sujeito a ressalvas e críticas, quase de modo pejorativo. Refere-se ao indivíduo, no mais das vezes um garoto, proprietário da bola que viabiliza a pelada planejada. Os problemas começam na obrigação de encaixá-lo em um dos times, na hora do par ou ímpar da divisão dos participantes, mesmo que suas habilidades como jogador sejam irrisórias. Depois, todos se policiam para que nenhuma entrada violenta ou jogada humilhante sejam dirigidas a ele para não magoá-lo, irritá-lo ou ofendê-lo. Caso isso aconteça pode ser o caso dele brigar e querer ir embora para casa, e a bola, sua posse, também irá. Esta é a pecha e a maldição do Dono da Bola.

Havia uma tradição de peladas de futebol em frente à casa dos meus avós Preste e Nuna na Rua Raul Soares. Os jogos dos meni-

nos eram eternos, mas é de se notar que de vez em quando adultos também jogavam entre si ou em times misturados com os garotos. Lembro-me de meu pai, tio Altair e o Realino correndo atrás da bola com a gente. Acredito que em certo instante essa brincadeira infundável incomodou os moradores e talvez tenha sido a propulsão para o que viria a seguir.

Em um incrível momento de empreendedorismo surgiu no meio da nossa turma de garotos a ideia de se construir, na falta de um verbo melhor, um campinho de futebol da Várzea, ou "Varge", como se falava. O ponto escolhido localizava-se mais ou menos onde fica a casa que foi do Sr. Pascoal e Dona Maria, pais do Alexandre da gráfica. Por motivos óbvios me encarreguei de negociar (que pretensão!) com a Família Caputo, meu Avô Preste e meu Tio Inácio, a autorização para a empreitada. Os meninos mais crescidos, já endurecidos por necessidades da vida, se encarregaram da capina do retângulo necessário. Os mais fortes desceram até o fundo do Esbarrancado e cortaram imensas e pesadas peças de pau de piteira, retirando-as com muita dificuldade até o nível da rua e depois até a obra. Com elas foram feitas belíssimas traves para delinear nossas áreas de gol.

E ali fizemos o que tínhamos que fazer. Jogamos o nosso jogo. Não sei por quanto tempo durou, mas as máquinas da memória só me permitem a lembrança de uma entrada por trás muito dolorida que levei na panturrilha, barriga da perna é mais sincero, do Maurício da Dade (que agora está em nossas boas lembranças), um garoto já mais velho e safado nas manhas do jogo e eventual participante. Não sei o que mais me assustou: a dor provocada pela pancada ou o susto por receber algo tão inesperado.

Nomes emergem daquela linha do tempo compondo esta narrativa. Gilberto, Pato e Dica do Juca do Zé Silva, Rogério, Rosalvo e Ricardo da Dorzinha, Simão, Salomão, Simeão, Ivo e Pratinha do João do Zé Vicente, Zé da Maria do Vicente da Chácara, Ivanil, Nôque(?) e Titi da rua de cima, Broa, Maurício da Binha, Téia do Zeco e outros. Quem eu esqueci, seja indulgente.

Com certeza eu era o Dono da Bola. Quando chegava para as



Campinho de futebol (Fonte: claudiobardu.comunidades.net)
É uma imagem genérica e romantizada, porém representativa.

férias a primeira coisa a ser feita era pegar a bola na bagagem e rolá-la pela rua. Algumas vezes, que chique, ela era de capota, gomos costurados, e não simplesmente uma pelota de plástico. Espero sinceramente ter sido um bom Dono da Bola na Rua Raul Soares e no campinho no meio do pasto da Várzea, sem os defeitos da caricatura. Pelo menos, por ter pretensões de goleiro (e considero que fui um ótimo menino goleiro) não tomei o lugar de ninguém bom de bola na divisão dos times. Afinal, se ninguém queria ser goleiro, eu queria. Com a minha camisa amarela.

Fabio Antônio Caputo

HISTÓRICO DA CONFERÊNCIA VICENTINA EM SÃO TIAGO FUNDADA EM 1908

As Conferências Vicentinas são entidades internacionais, fundadas pelo Beato Frederico Osanan e outros cinco companheiros, na França, em meados de 1820. São entidades filantrópicas sem fins lucrativos de cunho religioso católico com objetivo principal de ajudar e visitar as famílias carentes. Essa carência pode ser econômica, social, de saúde e física, ou outras carências.

Em São Tiago se deu em 1908 a criação da primeira Conferência denominada São Vicente de Paula. Foram seus fundadores e primeiros confrades: Francisco de Paula Sampaio, Josino Alves do S. Rodarte, José Emetério Mendes, Antônio Alves de Sousa, Antônio Severo de Lucca, José Severo de Lucca, Guilherme Alves Júnior, Francisco das Chagas Resende, Joaquim Barcellos de Oliveira, Espiridião d' Oliveira Custódio, José de Sousa, João Mendes dos Santos, Gabriel Eusébio, João Ribeiro de Mello, Francisco de Paula Vieira, Vicente Gaudêncio de Sousa e secretário o Sr. Josino Alves do S. Rodarte.

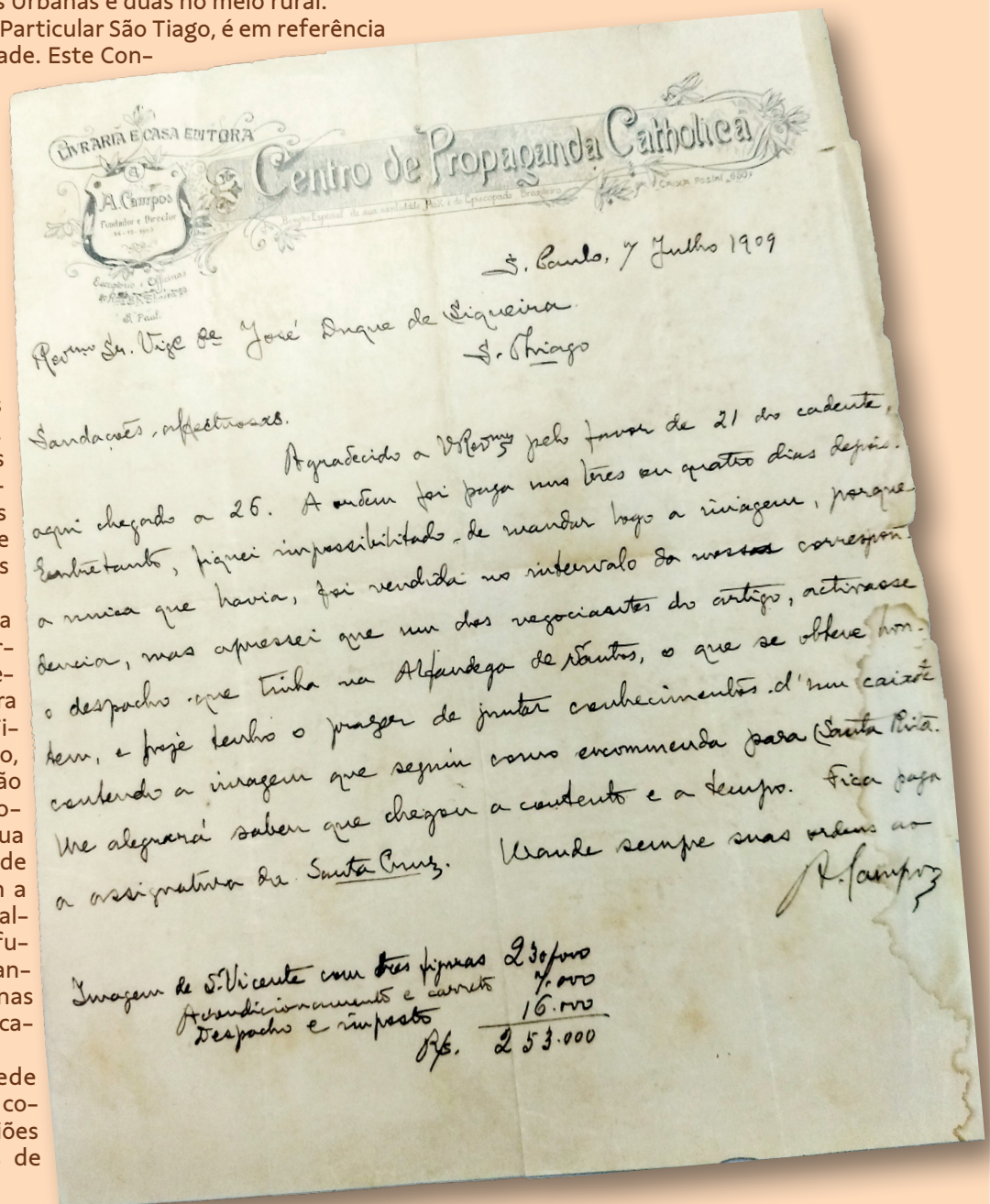
Hoje temos em São Tiago, coordenadas pelo Conselho Particular São Tiago, nove conferências, sendo sete Conferências Urbanas e duas no meio rural.

O nome, Conselho Particular São Tiago, é em referência ao santo e não à cidade. Este Conselho é vinculado ao Conselho Central de Bom Sucesso e este, ao Conselho Regional de Formiga, que por sua vez é vinculado ao Conselho Nacional, o qual é vinculado ao Conselho Internacional de Paris.

Em suma as Conferências e Conselhos têm como objetivos, como dito no início, as visitas, ajudas econômica, social e físicas ou quaisquer tipos de ajuda às pessoas ou às famílias carentes.

Para a construção da sede do Conselho Particular São Tiago, recebemos ajuda financeira do Sr. José Caputo Filho, vulgo Caputinho, e o terreno em doação pelo Sr. Antônio Domingos de Paula e sua esposa Maria Lúcia de Campos Paula. Com a construção da sede almejamos trabalhar, futuramente, com crianças desamparadas, nas áreas alimentar, educacional, cultural etc.

Atualmente a sede está à disposição da comunidade para reuniões ou outros eventos de cunho cultural.



Arquivos da Conferência – correspondência datada de 07/07/1909, endereçada ao Revmº Pe. José Duque de Siqueira, contendo cotações de imagens. (Dados e informações – Prof. José Faria Santiago).

DE POETA E LOUCO TODOS TÊM UM POUCO



DAVI (2011)

Há muito tempo te esperando estava
Que, enfim, viesses me alegrar, um dia.
Em cada brisa que por mim passava
Doce carícia de tua voz ouvia.

E, afinal, quando me disseram vinhas,
Tudo, em volta, se revestiu de cores.
Num evangelho, com palavras minhas,
As boas-vindas te almejei de amores.

Repleto, então, de fé e de esperança,
Hoje descubro neste teu rostinho
Que Deus de novo renasceu criança.

E, a sorrir, vou dizendo bem baixinho
O meu segredo a ti, em confiança,
Que és para mim, Davi, meu amiguinho!

RAFAEL (2014)

Como o ipê que anuncia o fim do inverno
E acende nossos campos de áurea luz,
Eis, foi assim também que o lar materno
Se encheu de um novo encanto que seduz.

Pois eras o desejo que, escondido,
No coração da mãe se demorava.
Eras dela o brinquedo mais querido,
Quando, a brincar feliz, já te esperava.

Bem-vindo! Pois chegaste, meu netinho,
Como um Anjo de Deus, tão aguardado,
Trazendo tanto brilho em teu rostinho.

Tu és da Primavera o azul do céu,
De nuvenzinhas brancas pontilhado:
Sinal de amor e paz, meu Rafael!

**MARINA** (2013)

Qual entre as brumas das manhãs de outono,
Festivo irrompe o sol, que prenuncia
As largas expansões de um novo dia,
Revelação de quem do mundo é dono.

Tal um raio de luz, rompendo a escura
E demorada noite, a mais sombria,
Um anjo, eu sonhei, que me sorria:
Uma menina linda, amada e pura.

Acabaram-se os tristes desalentos,
A rude mágoa, os lúgubres lamentos,
Ao romper dessa estrela matutina.

És o brilho das louras esperanças
Que vem trazendo vida entre bonanças
Das fúlgidas manhãs, doce Marina.

EPITÁFIO 25-03-21

Amei a vida de ilusões tão cheia,
Amei a terra e a família minha,
Amei a lua a divagar sozinha,
E a quem me amou, ah! eu também amei-a.

Amei os sons qual solitário monge,
Amei os livros que o saber semeiam,
Amei as aves que nos céus gorjeiam,
E aos horizontes se perdendo ao longe.

Amei as roças que verdinhas nascem,
Amei o ocaso em merencória luz,
E aos animais que nos campos pascem.

Amei as fontes, o perfume e a flor,
Amei Maria que me deu Jesus,
E aos meus filhos, com sublime amor.

SEUS OLHOS (17-06-95)

Era uma nobre princesa...
De traços nórdicos, raros,
Cuja inefável beleza
Só se igualava em pureza
Aos seus reais olhos claros.

Era uma meiga donzela...
Nos seus vestidos tafuis.
Sempre, entre todas, tão bela,
Que enamorei-me por ela
E por seus olhos azuis.

Era uma doce odalisca...
Ou, se melhor entenderdes,
Uma cigana mourisca,
Que me fiscou pela isca
Dos seus fatais olhos verdes.

Era uma linda menina...
Que, por encantos tamanhos,
Se transformou numa sina
De nossa raça latina,
Com os seus olhos castanhos.

Era uma bela garota...
Cuja saudade, em sonetos,
Es destilei, gota a gota,
Lembrando a graça marota
Daqueles olhos seus, pretos.

Eram um sonho essas tais,
Mas, em falando de Vênus,
Ou de romanas Vestais,
Minha netinha é bem mais,
Com seus olhinhos morenos.

OUÇO DEUS
(Com adaptações minhas)

Ouçó Deus no murmúrio das águas dos rios;
Ouço Deus no furor dos ciclones bravios;
Ouço Deus no cantar matinal dos pardais;
Ouço Deus no lamento dos pobres mortais.

Vejo Deus nas estrelas perenes de luz;
Vejo Deus no esplendor que a alvorada traduz;
Vejo Deus no suave perfume da flor;
Vejo Deus na comida que emana sabor.

Sinto Deus na saudade que evoca lembranças;
Sinto Deus no morrer de febris esperanças;
Sinto Deus na tristeza de ver-te partir;
Sinto Deus na ilusão de que estou a te ouvir.



Mercado Central de Belo Horizonte

O **Mercado Central**, anteriormente denominado **Mercado Municipal de Belo Horizonte**, é um mercado localizado no Centro de Belo Horizonte, na cidade de Belo Horizonte, no Brasil. Foi criado em 7 de setembro de 1929 pelo então prefeito Cristiano Machado. Pertenceu à Prefeitura de Belo Horizonte até 1964. Seu galpão ocupa um quarteirão inteiro do Centro da cidade, sendo a entrada principal voltada para a avenida Augusto de Lima.

HISTÓRIA

Cristiano Machado fundou o Mercado em 1929. Na época, o mercado era um campo aberto, com barracas simples. Funcionava como um centro de distribuição de alimentos e outros gêneros, assim como hoje temos a CEASA-MG.

O Mercado funcionou perfeitamente até 1964, quando o prefeito Jorge Carone resolveu vender o terreno, alegando impossibilidade de administração. Cristiano Machado, juntamente com alguns comerciantes, comprou o mercado, para que a venda a terceiros fosse evitada. No entanto, os compradores enfrentaram, imediatamente, um primeiro empecilho: teriam que construir um galpão coberto, na área total

do antigo mercado, dentro de um prazo de cinco anos. Caso não conseguissem, teriam que devolver a área à Prefeitura. A cada dia, novas dificuldades impediram o início da construção. A 15 dias do prazo dado pela prefeitura, ainda faltava o fechamento do mercado.

Foi então que os irmãos Osvaldo, Vicente e Milton de Araújo, fundadores do Banco Mercantil do Brasil, decidiram acreditar no empreendimento e investiram no projeto, financiando a construção, confiando no valor do empreendimento para a cidade e em respeito à amizade que mantinham com o administrador do mercado, Olímpio Marteleto. Para que o galpão pudesse ser fechado no prazo estabelecido, foram contratadas quatro construtoras, cada uma responsável pela obra em uma das fachadas. Ao fim de 15 dias, os 14 000 metros quadrados de terreno estavam totalmente fechados. Os associados, com seu empreendedorismo e entusiasmo, viam seu esforço recompensado.

Juntamente com alguns comerciantes, seu administrador, na época Alcides Régis, promoveu a 1ª comemoração da Páscoa dos Comerciantes em 20 de junho de 1954.

Era um movimento pioneiro e, para celebrá-lo, foi designado, pela diocese um padre da Igreja São José. Como o Mer-

cado ainda não havia sido construído e não existia um espaço próprio para as comemorações, estas eram realizadas no átrio e nas escadarias da Secretaria de Saúde, hoje Minas Centro.

O movimento cresceu e envolveu os comerciantes, seus familiares e amigos. Em agradecimento à Virgem de Fátima por uma graça alcançada, uma comerciante de frutas e verduras e frequentadora dos festejos de Páscoa do Mercado, a portuguesa Maria da Conceição Moraes, doou uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, em 1972, que passou a ser a padroeira do Mercado. A imagem, na época da páscoa, era exposta à visitação dos devotos.

Em 1964, o Mercado Municipal foi comprado por um grupo de comerciantes liderados por Raimundo Pereira Lima que fundaram uma cooperativa e deram início à reconstrução do estabelecimento, que passou a se chamar Mercado Central Abastecimento e Serviços S/C de Belo Horizonte. O local recebeu a pavimentação de ruas internas, cobertura metálica, reforma e/ou reconstrução das barracas e edificação de um outro pavimento – o estacionamento para automóveis.

Durante a reforma, foi construída uma capela para abrigar a imagem da Virgem de Fátima. Em 1972, o presidente do Mercado, Olímpio Marteleto, e alguns comerciantes solicitaram, ao bispo dom João de Rezende Costa, o reconhecimento da capela, construída no estacionamento do Mercado. Ainda nesse ano, foi celebrada, por dom João e o padre Antônio Gonçalves, a missa inaugural. O padre foi designado pela Cúria Metropolitana de Belo Horizonte para capelão e esteve à frente dos trabalhos até o ano de 1979.

Em 16 de julho de 1979, durante as comemorações dos 50 anos do Mercado, foi comemorada a 25ª Páscoa dos Comerciantes do Mercado Central. A cerimônia contou com a presença de dom João Rezende Costa, que oficializou a celebração.

Já em 1980, o padre Antônio solicitou sua dispensa de suas atribuições sacerdotais no Mercado Central, sendo designado o padre José Maria Moreira para substituí-lo. Este último permaneceu à frente dos trabalhos religiosos da Capela até 1991. Após essa data, foram convocados os padres Geraldo Magela da Silva e Marcelo do Carmo Ferreira.

Durante toda a permanência de ambos, as atividades propostas foram efetivadas e contaram com maior fluxo de participantes. Nessa época, a Capela passou à categoria de Paróquia, uma iniciativa do capelães, podendo ser desenvolvidas, junto à comunidade, todas as atividades que compõem um trabalho pastoral paroquial.

Em 1993, com a sobrecarga de trabalho e designação dos padres para outras paróquias, padre Marcelo e padre Geraldo foram obrigados a abandonar os trabalhos da Capela. Para substituí-los, foi designado o padre Elias Floriano dos Santos, vigário da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida do Alto Vera Cruz, que permanece como capelão até a presente data.

Em 1994, a Capela passou por uma reformulação, sendo totalmente reformada e ampliada para a sua reinauguração. O então bispo dom Serafim celebrou a Páscoa do Mercado com grande festa. Ao longo de todo esse tempo, a Capela contou com o trabalho de voluntários, amigos, comerciantes e associados, que levaram adiante o movimento religioso ini-



Entrada do Mercado Central de Belo Horizonte

ciado em 1954. O horário da missa foi transferido para 7 horas, abrindo, assim, oportunidade de participação dos moradores da região vizinha ao Mercado.

CRÍTICAS

Dentre as diversas seções do Mercado, a de comercialização de animais tem levantado polêmica. Entidades ambientalistas têm denunciado a forma inadequada pela qual os animais têm sido tratados no Mercado Central. De acordo com dados levantados por essas entidades, o local tem “gaiolas superlotadas e extremamente pequenas. Todas amontoadas em grandes pilhas; onde animais doentes ou até mortos dividem o mesmo espaço com outros; peixes mantidos em copos descartáveis, sem o mínimo espaço de movimentação. Diversas espécies presas, que veem, de dentro das gaiolas, o sol de longe através de pequenas janelas...” Algumas entidades se especializam em denunciar os maus-tratos, outras opõem-

se a animais usados como propriedade, seguindo ideias do advogado estadunidense Gary Francione. A denúncia foi feita também com fotografias publicadas no Centro de Mídia Independente.

Em setembro de 2006, entidades lançaram a campanha “A Vida não se Compra”, com placas de *outdoor* em diversos pontos de Belo Horizonte com intuito de denunciar a situação dos animais no mercado. Abaladas por uma notificação extrajudicial, as empresas de mídia exterior que cederam o espaço para as entidades, retiraram as placas de Belo Horizonte ainda nos primeiros dias de exposição.

Outro problema encontrado por turistas na cidade é a não aceitação de bicicletas no estacionamento do estabelecimento, que, apesar de possuir 420 vagas, veta terminantemente a entrada de ciclistas. A atitude segue na contramão da tendência mundial de incentivar o transporte alternativo não motorizado como uma forma de ajudar nas questões ambientais, melhorando a qualidade de vida nas cidades. Após uma mensagem enviada por um grupo de ciclistas de Belo Horizonte, a administração do estabelecimento reiterou a proibição.

Colaboração: Dr. Tarcísio Oliveira



Inscrição na parede exterior do Mercado Central, relacionando o seu cinquentenário



CÔNEGO HEITOR AUGUSTO DA TRINDADE (1867- 1955) VENERANDO SERVO DO SENHOR CUJA SANTIDADE SE CONSOLIDA E SE IMORTALIZA COM O TEMPO

A vida paradigmática, o legado socioespiritual de Cónego Heitor Augusto da Trindade, cada dia mais vivos na memória da população, passados quase setenta anos de seu falecimento, reverberam um ministério santificado, uma fé íntegra, devoção inabalável a Nossa Senhora de Nazaré, a sementeira da palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo em nosso meio. Dotado do caráter o mais íntegro, humildade sublimada, o mais ardoroso espírito de paciência e sacrifício. Um apostolado intímido, marcado por viagens missionárias, de dedicação e comunhão a Cristo na pessoa dos fiéis e paroquianos ao longo de seu vicariato de mais de meio século (1893-1955) em Nazareno (MG). ⁽¹⁾

DADOS BIOGRÁFICOS

Cônego Heitor Trindade nasceu no bairro de Matozinhos em São João Del-Rei aos 03-10-1867, sendo o último de dez irmãos, filhos de Heitor José Alves da Trindade e D^a Maria Clara de Jesus. Era np de Vicente José Alves da Trindade e D Maria Joaquina da Conceição; nm de José Moreira Coelho (português) e D Francisca Cândida de Assis.

Dentre seus irmãos: 1. Cônego João Batista da Trindade, vigário de Conceição da Barra de Minas; além de sacerdote, era exímio músico (flautista); 2. Antonio Pedro da Trindade Heitor, por profissão ferreiro; 3. Amélia Alves da Trindade; 4. Maria da Glória Alves da Trindade; 5. Mariana Cândida de Jesus Trindade; 6. Virginia Alves da Trindade, conceituada pianista.

Batizado aos 19-11-1867 na matriz de Nossa Senhora do Pilar pelo Cônego Francisco Amâncio d'Assis, sendo padrinhos o Dr. José Augusto Pereira de Lima e D^a Guilhermina Emidia Pereira da Silva (Livro de batismos n.8, fls. 33). Crismado em 1867 em São João Del-Rei por D. Antonio Benevides, sendo padrinho o Pe. João Pereira Pimentel (Fonte: De Genere Vita et Moribus – Pe. Heitor Augusto da Trindade – 1892 – Registro 2382 – armário 13 – pasta 0560 – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana).

Estudou as primeiras letras em Lagoa Dourada, onde residiam alguns de seus irmãos. Encaminhado/matriculado no Seminário de Mariana, onde já estudava seu irmão João Batista.⁽²⁾ Para se ordenar foi constituído um patrimônio com “uma apólice da dívida pública no valor nominal de um conto de réis e juros de cinco por cento” (De Genere, fls. 3). Ordenado sacerdote aos 09-04-1893 por D Silvério Gomes Pimenta; cantou sua primeira missa na Igreja do Divino Espírito Santo, em Matozinhos, seu torrão natal. Atuou durante três meses em São Gonçalo e três meses após, foi nomeado vigário da paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, na cidade de Nazareno, onde tomou posse aos 17-12-1893. Ai adquiriria logo a aura de santidade, dadas as ações caritativas, humanas e espirituais adotadas. Prodigios são-lhe atribuídos em vida e ainda post-mortem. (ver box – Milagres). Amava a todos, sem distinção de classe, etnia ou crença, em especial os pobres, os desassistidos, (época em que não havia programas sociais, assistenciais e previdenciários do governo) visitando-os, consolando-os, provendo-os assiduamente com recursos de toda natureza (viveres, financeiros etc.). Homem de exemplo, de cura, de amor incondicional ao povo, à cidade, à Nossa Senhora de Nazaré, aos 18-04-1918, por ocasião de suas bodas de prata sacerdotais, foi contemplado com o título de cônego (canonicato). No dia 09 de abril de 1953, paroquianos, autoridades, clero e comunidade promoveram e prestaram-lhe grandiosa homenagem, ao ensejo de seus 60 anos de sacerdócio.

Vítima de intrigas locais, Cônego Heitor foi transferido por D. Helvécio Gomes de Oliveira, então arcebispo de Mariana, para a paróquia de Antonio Dias em Ouro Preto, onde permaneceu no período entre 28 de julho de 1933 a 21 de abril de 1934, data, em que por exigência da população, retornou triunfalmente a Nazareno.

Incansável, obstinado, não se limitava aos ofícios canônicos na matriz. Dotado de crença genuína, heroica, autêntica, jamais esmoreceu, enfrentando, ao longo da existência, muitas provações, ingratidões. Dedicção total, infatigável ao Evangelho, a todos ensinando, alentando, inoculando fortaleza, esperança, fé nos corações aflitos e desesperançados. Viajaria milhares de quilômetros a cavalo, sob sol ou chuva, durante o dia ou noite, até o seu último suspiro, onde quer que sua presença missionária se fizesse necessária. Muitas vezes à noite, sob a inclemência de temporais, caminhos obscurados, pernoitava nas humildes residências rurais ou mesmo em choupos à beira das ínvias veredas. Por vezes, tendo sempre como inseparável companheiro de viagem o sr. João

Laurinda, perdiam-se pelas estradas lamacentas, trilhas intransitáveis ou sofrendo graves acidentes.⁽³⁾

Incontáveis, outrossim, os milagres atribuídos a Cônego Heitor, mercê de sua fé impoluta, das graças e bênçãos a ele aquiñoadas por Nossa Senhora de Nazaré. Seu túmulo, no cemitério paroquial em Nazareno, em granito preto, adornado com um Cristo em bronze, acolhe milhares de fiéis, que coletam água saída da lápide.

Era visto à tardinha, por mais estafante o dia à frente da paróquia, ensinando o catecismo às crianças na Igreja matriz de Nossa Senhora de Nazaré. Pregava, exortava incessantemente aos paroquianos quanto à prática de três virtudes essenciais: humildade, paciência e perdão. Mantinha, por hábitos quotidianos, as confissões, a celebração da missa pela manhã e a seguir, visitas aos doentes e com frequência a reza do terço no cemitério. Segundo consta, realizava tudo em jejum, mesmo em viagens, pois somente pelas dez, onze horas tomava a primeira refeição do dia. Esmerava-se quanto ao brilhantismo das festividades religiosas, dentre elas a primeira comunhão (era Cônego Heitor grande devoto de São Luiz Gonzaga), festas de Maria e coroações em maio e com especial zelo as celebrações natalinas, apoiando e prestigiando as manifestações populares como pastorinhas, reisado, folias de reis etc.

Tinha por usual hábito, em suas viagens, devoto extremo de Nossa Senhora de Nazaré, levar malas com medalhas, estampas, folders da padroeira, distribuindo-as onde quer que estivesse. Durante seu profícuo ministério, promoveu melhorias em todas as igrejas e capelas paroquiais (reformas em geral), bem como instalações de cruzeiros, devoto que era da Santa Cruz. Atuou, destemidamente, à frente de vários empreendimentos/iniciativas em prol da comunidade (muitas vezes, enfrentando adversidades e incompreensões de toda ordem) como a criação de colégio local, de grupos de teatro, corporações musicais, serviços de energia elétrica, ge-





rando imensos benefícios para toda a coletividade e região.

Um de seus projetos era a edificação de um monumento a Cristo Senhor do Bonfim, o que só seria concretizado após sua morte, com o apoio de autoridades e população. O monumento com 2,20 m de altura, esculpido em pedra sabão pelo escultor sacro Benedito Eduardo de Carvalho, instalado com todo brio e exaltação da fé, na área central da cidade.

Às primeiras terças-feiras do mês, Cônego Heitor celebrava missa na Igreja de Santo Antonio (demolida em 1966), onde benzia e distribuía aos fiéis presentes sempre em grande número, pãezinhos bentos. Adquirindo a condição de taumaturgo e santidade, acolhia em casa ou na Igreja, inúmeros romeiros, muitos deles doentes à procura de conforto, oportunidade em que abençoava, consolava a todos, esparzindo-lhes água benta. Admirado no meio canônico, acolhia sempre na casa paroquial muitos sacerdotes, bispos e autoridades em geral.

MISSIONÁRIO ATÉ O FIM

Faleceu, quase nonagenário, atendendo e servindo denodadamente aos seus fiéis. No dia 08 de outubro de 1855, deslocando-se até a fazenda Canela Moreira, do sr. José Monteiro de Carvalho para batizar uma menininha, lá sentiu-se mal, vindo a falecer. O exemplo

do pastor que se doou e se dedicou às suas ovelhas até o fim. Sepultado no cemitério paroquial sob intensa emoção popular e radiosas homenagens. Seu túmulo recebe constantes visitas,

em especial de romeiros de várias localidades, em agradecimento por graças alcançadas e ainda recolher água, que flui regularmente. De igual forma, Cônego Heitor recebe o preito de seus eternos paroquianos que se deslocam até o campo santo, prestando-lhe homenagens emotivas e imorredouras – aposição de flores, velas, rezas junto ao seu túmulo, reconhecimento por graças alcançadas. Vários fiéis relatam sentir inebriante perfume de rosas, seja à beira da campa ou quando evocam, em orações, a milagrosa proteção de Cônego Heitor. Pedidos, súplicas, em casos de enfermidades, emprego, problemas pessoais e familiares, eil-os atendidos, assim dirigidos ao memorável servo do Senhor. Luzes e aparições são igualmente relatadas/observadas por fiéis em torno de seu túmulo ou à entrada do campo santo.

FONTES: Ana Flausina da Trindade Nacif – “Cônego Heitor Augusto da Trindade”, Nazareno/MG, 2007

Paulo Henrique Garcia – “Homens que marcaram o tempo” Ed. Dom Viçoso, s/d

NOTAS

1- A primeira referência a Nazaré, segundo consta, data de 21-02-1725 com a concessão de carta de sesmaria pela Coroa – governo de D. Lourenço de Almeida – aos irmãos Manoel Seixas Pinto e José Gonçalves Pinto, os quais doaram uma área de terra para edificação de capela em honra a Nossa Senhora de Nazaré.

A capela, por provisão de D. Frei Antonio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro, datada de 09-03-1734, seria edificada no lugar Ribeiro Fundo, ribeirão que banha hoje a cidade de Nazareno. O atual e altaneiro santuário de Nossa Senhora de Nazaré foi edificado em 1863.

A povoação que aí se formaria, distrito de Nossa Senhora de Nazaré, jurisdicionada a São João Del-Rei, teve seu nome oficial reduzido para Nazaré pelo decreto-lei n. 148 de 17-12-1938, denominação alterada para Nazareno pelo decreto-lei n. 1058 de 31-12-1943. Aos 12-12-1953, pelo decreto-lei n. 1039, o distrito de Nazareno foi desmembrado de São João Del-Rei, constituindo-se em município autônomo.

Elevada à condição de paróquia pela lei n. 202 de 01-01-1841, depois revogada. Somente aos 01-09-1870, pela lei n. 1663, readquiriu em definitivo a condição/sede de paróquia.

2- Cônego João Batista da Trindade, nascido em 1858, ordenado sacerdote aos 12-04-1885 em Mariana. Vigário durante 58 anos de Conceição da Barra de Minas. Falecido aos 08-01-1943, sepultado no dia seguinte no cemitério de Conceição da Barra (Fonte: Antonio Gaio Sobrinho – “Memórias de Conceição da Barra de Minas”).

3- Queda num precipício – No dia 27 de abril de 1954, uma primeira sexta-feira do mês, tendo se deslocado à fazenda do sr. Francisco Chagas Ribeiro para benzê-la, ao retornar com destino ao povoado de Jaguará, noite sobremaneira escura, em uma encruzilhada, desgarrou-se do sr. João Laurinda (este, irrefletidamente seguiu pela estrada de Vitória) tendo Cônego Heitor seguido pela estrada de Jaguará. Era em torno de 21:00. Verificado o equívoco, advertido por um cavaleiro no caminho, João Laurinda retornou à encruzilhada e daí ao caminho de Jaguará, não encontrando, por mais procurasse e gritasse, o Cônego Heitor. Dado o alarme, moradores, às dezenas, munidos de lanternas, saíram à procura do venerando pároco, o que transcorreria sem sucesso ao longo da noite.

Cônego Heitor, então com 87 anos, seria encontrado, praticamente ileso, na manhã seguinte, no fundo de um precipício, altura de 23 metros, para onde despencara! Explicara aos moradores que, após perceber que João Laurinda não o acompanhava, nada enxergando dada a escuridão noturna, descera do cavalo para verificar a situação do terreno onde se achava, momento em que, pisando em falso, despencara pelo fundo despenhadeiro, ali passando, insone, à noite.

O animal fiel, assim encontrado pelos moradores, estava ali à beira da estrada, esperando o cavaleiro. Resgatado, Cônego Heitor recusou-se terminantemente a deitar-se, alimentar-se, fosse conduzido ao médico. Procedeu, como de sempre, as confissões, a celebração da santa missa, e somente, após cumpridos todos os ofícios na capela de Jaguará, aceitou alimentação e cuidados médicos, cujos exames radiográficos, milagrosamente, nada acusaram. No dia 26 de setembro, a população, sob coordenação de Pe. Antonio Lopes, vigário de São Sebastião da Vitória, procedeu a numerosa procissão ao local da queda, como gratidão a Deus e testemunho do impressionante milagre.



ALGUNS MILAGRES ATRIBUIDOS A CONEGO HEITOR

MULTIPLICAÇÃO DO PÃO – “Muitas pessoas se pasmavam com certos fatos que aconteciam ao Cônego Heitor. Romarias, muitos visitantes vinham constantemente a Nazareno. Como na localidade não havia hotéis ou pensões, era a casa paroquial a que todos se dirigiam. Cônego Heitor feliz em receber todos os romeiros que vinham visitar Nossa Senhora de Nazaré. Geralmente chegavam para almoçar e a refeição devia ser preparada rapidamente e muitas vezes com sacrifício para Cônego Heitor. Certa ocasião, chegou uma romaria com muitos romeiros. O almoço já estava pronto. Cônego Heitor pediu para que se organizasse a mesa e a refeição fosse servida. Sua sobrinha disse-lhe então que a comida só daria para umas seis pessoas e que na despesa não havia mais nada para reforço. Ele, um pouco nervoso, mandou que colocassem o que tivesse à mesa e que Deus abençoaria a divisão. Ele mesmo serviu o prato de cada uma das dezenove pessoas, depois de fazer uma oração, pedindo a proteção do Senhor. Todos almoçaram e se declararam satisfeitos”. (Fonte: <http://aexam-mg.org.br/teste/Heitor-Augusto-da-Trindade.php.online> 228” – Associação dos Ex-alunos dos Seminários de Mariana – acesso 20-11-2023).

MATERIALIZAÇÃO – BATIZADO DA CRIANÇA

A humilde senhora, pés nus salpicados de poeira, vinda de distanciada área rural, bate à porta da casa paroquial. Tarde de domingo, cidade entregue ao marasmo. Nos braços, enrolado em precário manto, um bebê, a quem desejava batizar. Atendida pelo pároco, este informa à mãe, atônita, ser impossível, pois não era dia de batizados. Que voltasse no dia determinado para tal cerimônia, orientando-se previamente junto à secretaria da paróquia sobre horários, formalidades, critérios formais de participação.

A mãe insiste, mas é sumariamente despedida. Desconsolada, em lágrimas, a senhora dirige-se à igreja, então aberta, onde passa a orar contritamente. O templo, a esta hora, vazio. É despertada por um padre idoso, que pergunta-lhe a razão de tanta angústia. Esta expõe-lhe que trouxera, de longe, o recém-nascido para batizar, mas perdera a viagem, por não ser dia de batizados.

Este, de pronto, se prontificou a batizar a criança, o que se processou em minutos. Não tendo padrinhos terrenos, o celebrante disse-lhe que a madrinha seria Nossa Senhora de Nazaré e o padrinho ele próprio (Cônego Heitor). Orientou-a ainda a dizer ao pároco que fizesse a devida anotação no livro de batizados. Dali a instantes, o pároco adentra a igreja; vendo a senhora no recinto, censura-a, uma vez mais, pela insistência em ali estar, uma vez que já estava plenamente informada de que não era dia de batizados.

A senhora, em sua modéstia, diz-lhe: – Não se preocupe, são padre, pois a criança já foi batizada. Um padre esteve aqui e batizou o menino. – Mas, como?! A senhora só pode estar equivocada, pois o único padre que existe na cidade sou eu...

Ante alguns retratos apostos no hall da Igreja, a senhora apontou o de Cônego Heitor, dizendo, entre lágrimas de júbilo: – foi aquele ali quem esteve aqui, há pouco, e batizou meu filho.

Outra versão afirma que o pároco recusou-se a batizar a criança, pois a mãe não tinha recursos ou condições financeiras para pagar as despesas da cerimônia. Que ela recorresse a alguém ou esmolasse até conseguir a quantia necessária e depois retornasse para proceder ao batismo. Ficam os registros.

BENÇÃO DA ÁGUA E CURA – Cônego Heitor, certo dia, enquanto atendia confissões na Igreja Matriz, foi interrompido, em desespero, pela sobrinha Margarida, cuja pequena Helena,



Cônego Heitor

estava acometida de dores lancinantes na perna. A sobrinha Margarida era filha de seu irmão Antonio Pedro da Trindade. Todos os meios e recursos disponíveis tinham sido esgotados, sem qualquer melhora. De posse de um frasco de água, rogava a Cônego Heitor que benzesse a água. Assim procedeu Cônego Heitor com recomendações deste sobre como passar a água sobre a perna doente, concomitantemente a orações fervorosas a Nossa Senhora de Nazaré. Explicou ainda Cônego Heitor que, após o ritual, a criança entraria em sono profundo, devendo-se deixá-la dormir o máximo possível e que ao acordar, estaria ela plenamente restaurada. O que de fato ocorreu (testemunho ocular de D^a Ana Flausina da Trindade Nacif).

EXORCISMO – Relatos e casos impressionantes de exorcismo envolvem sua vida e que podem ser consultados na obra da sra. Ana Flausina da Trindade Nacif, p. 18. Tinha ele poder espantoso sobre possessos, obsedados, espíritos malignos.

EMBRIAGUEZ – Elaborava Cônego Heitor (fórmula exclusiva e secreta) um remédio contra embriaguez, livrando muitos cidadãos alcoólatras do terrível vício da bebida, com expressivos benefícios para as famílias envolvidas e comunidade (vítimas do insidioso malefício).

CARIDADE A TODOS E A TODA HORA – familiares perceberam Cônego Heitor levantar-se pela madrugada, abrir a janela, atendendo pessoas que lhe batiam à janela e a estas distribuindo dinheiro. Flagrado e censurado por uma sobrinha, no momento em que atendia/ajudava certa mulher da cidade, vulgo Dadata, pessoa socialmente censurada e discriminada, Cônego Heitor proferiu uma verdadeira e formidável aula de amor, fraternidade, vivência evangélica à sobrinha preconceituosa (Livro da sra. Ana Flausina T. Nacif, p. 21).

Agradecemos à equipe/agência SICOOB CREDIVERTENTES – Nazareno, pelas fotos, informações e livros.

ORAÇÃO Á VIRTUOSA ALMA DE CONEGO HEITOR

Ó virtuosa alma de Cônego Heitor, vós que dedicastes vossa vida à devoção a Nossa Senhora de Nazaré, que foste um exemplo de oração, humildade e desapego das coisas da terra, a vós venho, humildemente, rogar proteção. Vossos devotos são os da Virgem de Nazaré, nossa Mãe querida.

Pedimos a vossa proteção em nossas dificuldades espirituais, materiais na caminhada para Deus. Que as graças que temos recebido por intermédio vosso sejam uma demonstração de vossa santidade e glória nos céus. Assim seja.

300 anos de nascimento Immanuel Kant: quem foi e o que o filósofo Kant defendia

Por Natália Cruz

Immanuel Kant nasceu em 22 de abril de 1724 em Königsberg, cidade da Prússia Oriental, e faleceu em 12 de fevereiro de 1804 na mesma cidade em que nascera. O filósofo dedicou-se na abordagem de questões sobre moralidade, natureza do tempo e espaço, aquisição do conhecimento, política, metafísica, ciência cognitiva e do conhecimento e filosofia da psicologia.

Kant foi o primeiro filósofo a solucionar o debate promovido entre racionalistas e empiristas, por isso é considerado um dos mais importantes filósofos de seu tempo. O autor é reconhecido também como um entusiasta do iluminismo europeu, que foi influenciador de algumas de suas obras.

A principal contribuição da filosofia kantiana ocorre quando o filósofo **reúne conceitualmente o racionalismo de Descartes e o empirismo de Hume**, relacionando assim a razão humana e a relevância da experiência na aquisição do conhecimento. A união desses conceitos é chamada na filosofia de Revolução Copernicana.

Os racionalistas cartesianos acreditavam que toda origem do conhecimento verdadeiro deriva da razão, a partir de categorias inatas, chamadas de *a priori*, que significa antes da experiência. **Os empiristas**, por sua vez, acreditavam que o homem era uma tábula rasa e todo conhecimento provinha de sensações.

Kant soluciona o debate promovido entre cartesianos e empiristas ao questionar se o próprio conhecimento é possível, ou seja, a razão faz críticas a si mesma, a razão é, portanto, questionada.

O filósofo critica a ideologia da razão ao apresentar uma série de conceitos e princípios que são capazes de possibilitar o pensamento humano. **Para o filósofo os homens não tem condições de conhecer a realidade pura das coisas, ou seja, as coisas como realmente elas são.** Na filosofia idealista kantiana a existência dos objetos depende da observação do sujeito, no entanto, nem sempre a observação leva ao conhecimento puro sobre o objeto.

O mundo chamado por ele de **coisa em si**, não pode ser conhecido plenamente através do entendimento ou sensibilidade, pois tudo que o homem conhece não é a realidade verdadeira. É o que Kant chama de fenômeno, que caracteriza os objetos na medida em que eles são apresentados, entendidos e organizados pelo pensamento. Com isso, Kant explica que *a realidade não está relacionada ao sujeito*, por isso torna-se impossível conhecê-la.

O debate é então solucionado quando Kant apresenta que o conhecimento obtido através da experiência pode ser organizado em categorias e instituições *a priori*, Kant faz então **a conciliação entre empirismo e racionalismo aproximando os conhecimentos a priori, tidos como racionalistas e os conhecimentos a posteriori, classificados como sendo empíricos.** A teoria sobre o conhecimento está descrita no livro *Crítica da Razão Pura*, de 1791.

Outras ideias também aparecem na filosofia kantiana e completam sua obra e seu modo de pensar e fazer filosofia. **Em ética destaca-se o conceito de imperativo categórico**, que é o dever que cada ser humano tem de agir conforme os princípios desejados para todos os seres humanos. Isso é, uma lei de ação geral da natureza humana.

No campo da filosofia política Kant apresenta a ideia de *Paz Perpétua*, como sendo o resultado da história e garantida através da cooperação internacional. Kant defende a existência



de Estados organizados pela lei e com a existência de governos republicanos. Kant faz duras críticas a democracia, já que a definição de um Estado governado por todos, não abrangendo de fato, todos.

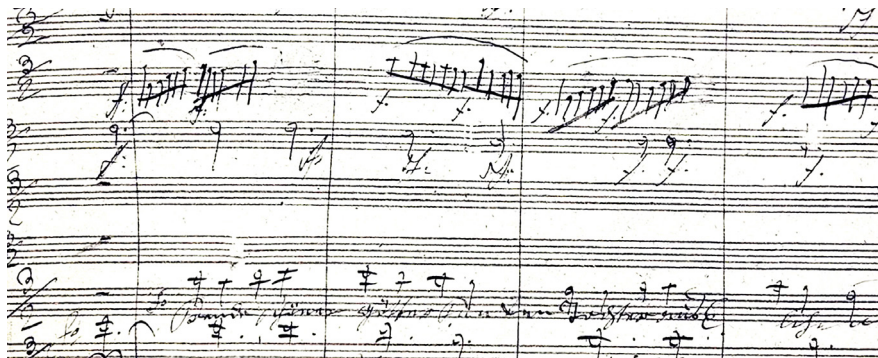
Os Juízos Kantianos

Na obra *Crítica da Razão Prática* de 1788 Kant apresenta seu tratado sobre a moral humana e diz que a moralidade é conseguida através de juízos, bem como o conhecimento é atingido a partir da junção dos conhecimentos *a priori* e *a posteriori*. Existem para Kant três juízos capazes de garantir os princípios de ação moral.

Juízo Sintético: Trata da experimentação para garantir o conhecimento verdadeiro. Não se pode alcançar a verdade apenas pela análise de suas proposições.

Juízo Analítico: Fundado no princípio da identidade. Para Kant o predicado apresenta atributos contidos no sujeito, ao se negar o sujeito, nega-se também o predicado.

Juízo Estético: É o juízo ligado ao ato de estabelecer o conceito de belo.



Partitura da Nona de Beethoven

Obra-prima do gênio da música Ludwig van Beethoven foi composta entre 1822 e 1824. O quarto movimento, a “Ode à Alegria”, tornou-se o hino oficial da União Europeia em 1985.

200 anos Nona sinfonia de Beethoven Sinfonia nº 1 de Mendelssohn

A “Nona” de Beethoven, obra imortal

A *Nona Sinfonia* de Ludwig van Beethoven é executada em quase todos os atos comemorativos, seja da Reunificação da Alemanha, Jogos Olímpicos ou em programas de gala na TV. E desde 2003 sua partitura original íntegra, oficialmente, a lista da Memória da Humanidade.

Em ato festivo na capital alemã, a Biblioteca Estatal de Berlim recebeu da Unesco o certificado do registro da partitura da *Nona Sinfonia* na lista de Memory of the World. Em seguida, a Filarmônica das Nações, dirigida por Justus Franz, executou a sinfonia, na praça Gendarmenmarkt. Neste mesmo local, a obra do mestre que morreu surdo foi ouvida em 1826, depois da estreia em Viena.

A Memory of the World, criada pela Unesco em 1992, visa contribuir para a herança documental da humanidade. Entre os documentos que contém atualmente, estão os do Congresso de Viena, os arquivos do Gueto de Varsóvia, uma Bíblia de Gutenberg e os manuscritos do poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe.

JOIA ESPECIAL

O manuscrito de 200 páginas da *Nona Sinfonia* é um dos tesouros mais importantes do Departamento de Música da Biblioteca Estatal de Berlim, onde se encontram também originais importantes de Bach, Mozart e Mendelssohn. Mas, para o diretor da biblioteca, Graham Jefcoate, a partitura de Beethoven é uma joia especial: “Nenhuma obra da literatura sinfônica teve uma expressão tão ampla como a Opus 125 em ré menor de Beethoven”.

A partitura original da obra composta por Beethoven entre 1822 e 1824 encontra-se quase íntegra na biblioteca berlinese. Só duas folhas estão na Casa de Beethoven, em Bonn,

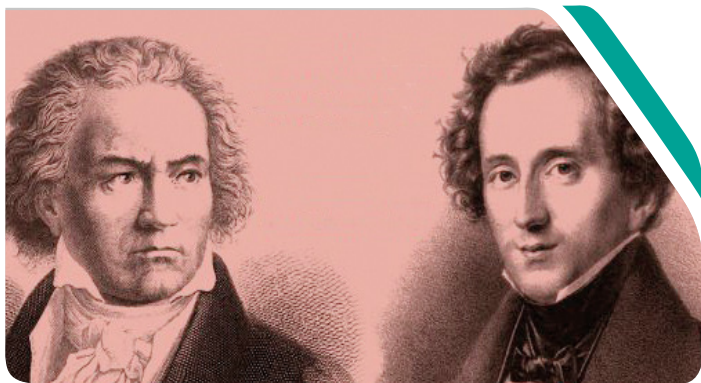
onde o autor viveu, e mais três folhas na Biblioteca Nacional em Paris.

Quando a *Nona* estreou em Viena, em 7 de maio de 1824, Beethoven, então com 53 anos, já sofria de deficiência auditiva avançada e demorou muito a perceber os aplausos. Depois da morte do compositor em 1827, a partitura passou às mãos de seu biógrafo Anton Schindler, e em 1846 partes dela foram para a Biblioteca Imperial de Berlim. Depois que a editora vienense da família Antaria entregou a parte final à biblioteca, o original ficou novamente quase completo.

ODISSEIA MUSICAL

Para proteger a obra na Segunda Guerra Mundial, a Biblioteca Estatal Prussiana mandou o manuscrito dividido em três partes para diversos lugares fora da cidade, diminuindo o perigo de perda total.

Só em 1967, depois de uma longa odisséia, as partes centrais da *Nona Sinfonia* chegaram a Berlim Ocidental. No mesmo ano, o governo da Polônia entregou o restante à República Democrática Alemã — a obra estava ao menos reunida novamente numa só cidade.



Beethoven e Mendelssohn

Sinfonia n.º 1 (Mendelssohn)

A Sinfonia n.º 1 em dó menor, Opus 11, é uma obra de Felix Mendelssohn, que ficou completa a 31 de Março de 1824, quando o compositor tinha apenas 15 anos. No entanto, a pauta autografada foi publicada só em 1831. A sinfonia foi dedicada à Royal Philharmonic Society que estreou a obra em Londres a 25 de Maio de 1829, com o próprio autor a conduzir a orquestra.[1] Mendelssohn mais tarde orquestrou o scherzo do seu Octeto Op. 20 como alternativa ao terceiro movimento da sinfonia. Uma actuação típica dura cerca de meia hora.

INSTRUMENTAÇÃO

A obra é destinada para ser tocada por duas flautas, dois oboés, dois clarinetes, dois fagote, duas trompas, dois trompetes, tímpanos e cordas.

Movimentos

A sinfonia está estruturada em quatro movimentos:

1. Allegro di molto
2. Andante
3. Menuetto: Allegro molto
4. Allegro con fuoco

Referências:

Mercer-Taylor, P. J. The Cambridge Companion to Mendelssohn, CUP (2004).

São Tiago: 75 anos (1949-2024)

Denominações de logradouros e espaços públicos

A denominação de logradouros e espaços públicos em São Tiago segue atualmente as diretrizes estabelecidas pela Lei Orgânica do município, adotando um critério específico para a designação de ruas, avenidas, praças, travessas, bem como instituições de ensino, unidades de saúde e outros locais de uso coletivo. Em São Tiago, é comum que as ruas e avenidas recebam nomes de indivíduos que tenham contribuído de forma direta ou indireta para o progresso em diversos campos, ou que tenham se destacado por suas virtudes ou prestado serviços relevantes, trazendo benefícios à comunidade em áreas como história, educação, geografia, literatura, música, política, folclore, entre outros.

Quando São Tiago era uma vila e distrito do município de Bom Sucesso, algumas ruas e avenidas na região central foram nomeadas em homenagem a pessoas influentes e autoridades já falecidas da antiga sede do município. Por exemplo, existem ruas com os nomes do Coronel Benjamim Guimarães e Antônio Carlos de Carvalho, os quais também são dados a uma praça, rua e escolas em Bom Sucesso. Além disso, a Rua Prefeito José Wanderley Lara homenageia um ex-chefe do executivo que, vale ressaltar, nasceu em São Tiago; Rua Dr. Mourão e outras.

Antes da existência de uma legislação oficial, algumas ruas recebiam nomes baseados em acidentes geográficos e características distintivas de cada uma, o que levou ao surgimento de apelidos que refletiam sua realidade. Por exemplo, a "Rua do Vai e Volta" (Travessa Marechal Deodoro) era uma rua sem saída, onde os transeuntes precisavam retornar pelo mesmo caminho que vieram. A "Rua do Capim" (Marechal Deodoro) passavam muitas carroças carregadas de capim para alimentar o gado, além de estar próxima de algumas plantações de capim. A "Rua da Lama" (Basílio Magalhães), aliás, foi uma das primeiras a ser asfaltadas, em 1996. Já a "Rua da Piteira" (Governador Valadares) era conhecida por ter muitos

arbustos dessa planta, especialmente, nos lotes sem casas. Outros exemplos incluem a "Rua da Fontinha" (Francisco de Paula Lara), "Rua do Chafariz" (Raul Soares), "Rua da Bomba" (Pascoal Caputo Neto) etc.

No município de São Tiago, a preferência é homenagear pessoas ao nomear as ruas e espaços públicos. Não é comum encontrar ruas com nomes de cidades ou de pessoas que não tiveram vínculo na cidade, mesmo que tenham sido importantes em nível nacional. Nomes de santos existem, porém em número reduzido, como é o caso da Rua São José e da Praça São Vicente de Paulo. No distrito de Mercês de Água Limpa, encontramos as Ruas Santo Antônio e São Vicente de Paulo, além da Praça Nossa Senhora das Mercês. Na Carapuça, existe a Praça São Pedro.

Há alguns anos, após a criação do Bairro Nações Unidas com o auxílio de Monsenhor Eloi, foram sugeridos os nomes da maioria das ruas com nomes de países aliados na Guerra Mundial. Além disso, existem praças e ruas que homenageiam autoridades do país notoriamente lembradas na disciplina de História do Brasil.

No entanto, como é comum em Minas Gerais, às vezes utilizamos a referência da pessoa que mora na rua quando não lembramos o nome oficial da mesma. Por exemplo, "a rua da Maria do Fulano" e por aí vai. Essa é uma forma extraoficial de se referir à rua, que auxilia na orientação das pessoas, embora o carteiro só entregue as correspondências no endereço completo. São detalhes que refletem a mineiridade do interior.

Atualmente, São Tiago conta com 234 ruas, 11 avenidas e bairros, incluindo os residenciais: Nações Unidas, Cruzeiro, Centro, Cerrado, Várzea, Monsenhor Francisco Eloi, Flor do Ipê, São José, Bom Destino, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio, Residencial Cidade Nova e Residencial Juca Mariano.

No município, há também o distrito de Mercês de Água Limpa, carinhosamente chamado de Capelinha. Além disso, há os povoados e localidades rurais: São Pedro da Carapuça, Içara, Córrego Fundo, Melos, Fundo da Mata, Patrimônio, Romeiros, Tatu, Capão das Flores, Germinal, Cajengá, Florinda, Manteiga, Prata, Jardins, Cruz do Valo, Pau Lavrado, Queiroz/Macuco, Jorge, Cruz das Almas e Cachoeirinha.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR

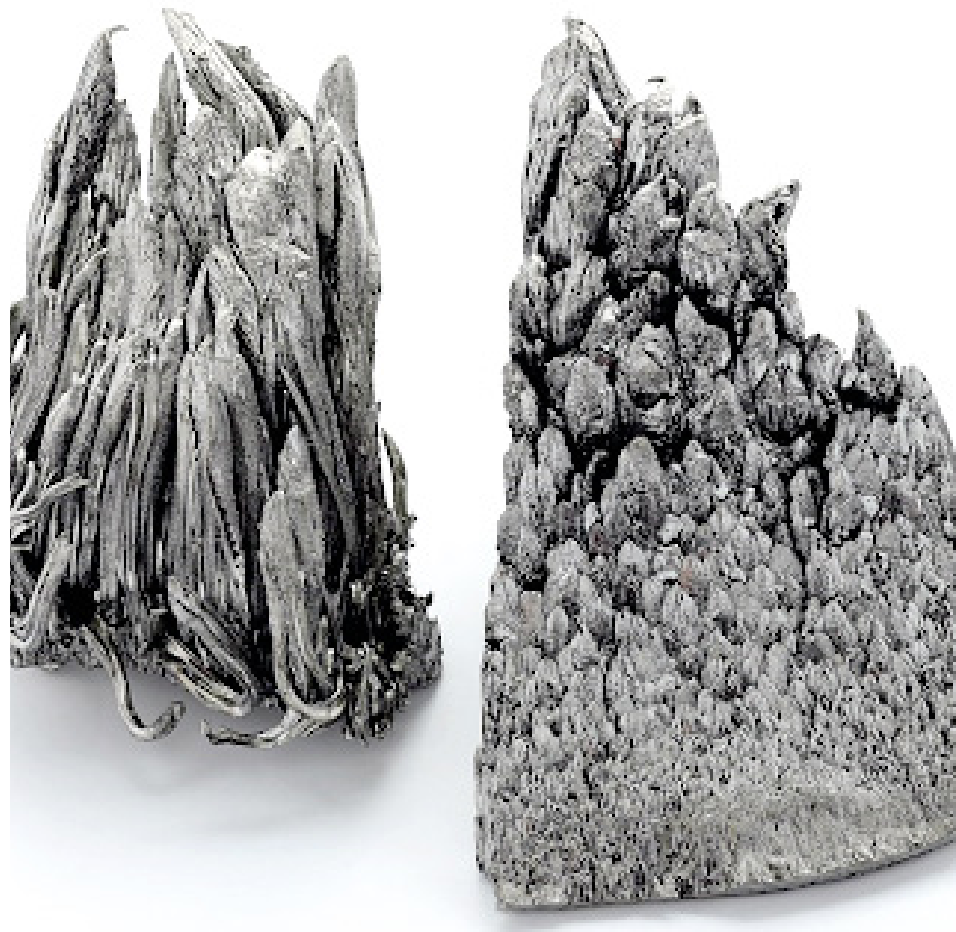


A FEBRE DOS MINERAIS RAROS

Concentrando uma das maiores reservas de minerais do mundo, nosso País e mais particularmente o Estado de Minas atraem, a esse respeito, pesquisas e investimentos bilionários. Não só minério de ferro, lítio, nióbio, ouro mas, recentemente, a extração das chamadas terras raras (ETR's), um conjunto de elementos químicos – minerais essenciais para a fabricação de vários produtos de tecnologia – câmeras, telas, baterias, circuitos eletrônicos, lâmpadas, painéis, turbinas, hoje extremamente valorizados e considerados o “ouro do século XXI”¹.

Alguns desses minerais e sua utilização industrial: alto-falantes (gadolínio, praseodímio); tela e monitores (europio, cério, gadolínio, térvio, ítrio); câmera (ítrio, lantânio); circuitos eletrônicos (disprósio, neodímio); bateria (lantânio, praseodímio); lâmpadas de led (cério); painéis solares (lantânio); aviões (europio, cério, cispróbio, ítrio, lantânio); turbinas eólicas (neodímio e disprósio); dispositivos de raio x (túlio).

Como qualquer modalidade de exploração mineral, a mineração de terras raras, tem os mesmos riscos de degradação ambiental e deterioração dos ecossistemas, elevado consumo de água, contaminação de solo e cursos d'água por força de elementos radioativos e metais pesados presentes como urânio e tório. E o que afirma



a ANM – Agência Nacional de Mineração que autoriza pesquisa e fiscaliza a extração e atividades de áreas.

As chamadas ETR's são hoje essenciais, não só do ponto econômico-tecnológico, mas igualmente estratégico e geopolítico, pois no caso dos superímãs utilizados em motores de carros elétricos, turbinas eólicas, a China domina hoje todo o processo de extração, produção e aplicação tecnológica e já informou que, a partir de 2025, deixará de exportá-los.

Não é de se estranhar os altos investimentos promovidos por poderosas corporações multinacionais e governos na busca de novas fontes minerais. Mapeamentos oficiais mostram que o Brasil concentra imensas reservas das chamadas “terras raras”, fundamentais hoje à transição energética, chegando a exploração até os nossos recantos. Daí a profusão de empresas prospectadoras atuando em todo o País!

¹ Minerais ETR's:

Escândio (Sc), Ítrio (I), Lantânio (La), Cério (Ce), Praseodímio (Pr), Neodímio (Nd), Promécio (Pm), Samário (Sm), Lutécio (Lu), Gadolínio (Gd), Térbio (Tb), Disprósio (Dy), Holmio (Ho), Erblio (Er), Túlio (Tm), Itérbio (yb), Európio (Eu).

Hora de repensar o CAPITALISMO e o BRASIL

Em décadas passadas, Josué de Castro lembrou que: “Enquanto metade da humanidade não come, a outra metade não dorme, com medo da que não come. A fome não é um fenômeno natural, e sim um produto artificial de conjunturas econômicas defeituosas. Um produto da criação humana e, portanto, capaz de ser eliminado pela vontade do próprio homem. Ou salvamos o mundo dando pão aos que têm fome ou pereceremos todos sob o

peso esmagador do ouro acumulado à custa da fome e da miséria de dois terços de nossos semelhantes.”

Paulo Paiva, professor da FDC e ex-ministro do Trabalho e do Planejamento aponta alguns dos problemas crônicos do capitalismo: “Acho que estamos (não só no Brasil) em uma encruzilhada do capitalismo. Ou se reinventa e incorpora o equilíbrio entre o bem-estar do indivíduo (liberdade individual) e o bem-estar comum (responsabilidade coletiva) ou não terá muito futuro. A questão do crescimento econômico, e em consequência do desenvolvimento, é hoje, sobretudo, uma questão ética. A desigualdade no Brasil é vergonhosa para um país com as riquezas naturais que tem e o tamanho da economia.

AO PÉ DA FOGUEIRA



O PRIMEIRO ENCONTRO

Seria o primeiro encontro privativo, especial do casal de enamorados. Conheciam-se, até aquela data, quase de visu, em calorosos jogos de olhares, bate-papos e namoricos no bar das proximidades. Uma coisa era certa: tinham-se amarrado, se encantado. Daí a perspectiva de um maior envolvimento, de algo mais. Ambos de origens interioranas, era ele empresário, uma loja de peças e materiais esportivos; ela, profissional liberal, executiva na área financeira, culta, terna, sexy.

Convida-a para saírem juntos. Prepara-se para tal. Para impressionar, decide levar a jovem a um badalado concerto sinfônico, na verdade de um megaespectáculo de ópera – “Carmen” de Georges Bizet. Digase de passagem: pouco ou nada entendia de música clássica. Adquirira com antecipação os ingressos, nada baratos. Um grande grupo sinfônico internacional, com corpo de baile, realizava uma turnê pelo País e estava justamente se apresentando naquela cidade, capital de grande Estado do País, onde residiam os enamorados.

Tudo planejado. Esmerara-se, para tanto, nos mínimos detalhes. O carro, devidamente lavado, encerado, perfumado, nos trinques. Detalhes de som, implementos, luzes internas. Capricho também no visual, no look, para tal indo a sofisticado spa na região. Um conjunto (terno) bem talhado adquirido, em prestações, em magazine no centro da cidade. De-sejava, enfim, surpreender. Buscara ainda ler e se inteirar de etiqueta, como se comportar, as palavras adequadas a serem proferidas em especial num primeiro encontro, os passos a serem dados na arte de convencer, conquistar, o encantar, o arrulhar, o evitar afoitezas, atropelos e eventuais gafes, pois como lera, certa vez, em um artigo, o bom mágico não tira, de uma só vez, todos os coelhos da cartola. Usaria, em suma, todo o seu feeling, charme, requinte.

Horário combinado, está à porta da residência da jovem. Família de origem interiorana, na verdade sertaneja, costumes bem mineiros, o pai faz inúmeras recomendações. O galã tranquiliza-o, buscando apresentar-se com seriedade, donaire, respeitabilidade, finesse.

O evento correria bem. Prédio imponente do Teatro Municipal, cenários musicais exuberantes, enredo complexo, cenas eletrizantes. Durante o espetáculo, aproveitara-se para colocar o braço nos ombros da jovem, rogar-lhe os olorosos cabelos, sussurrar-lhe palavras ternas aos ouvidos. Empolgação, mesmo para ele, pouco – ou nada – entendido em es-

petáculos de ópera e quejandos. Viveria, porém, encerrada a exibição, uma circunstância impensável, imprevisível, inimaginável, logo para ele que se prevenira e tomara as devidas precauções. Tempos em que não existia cartão de crédito, ou qualquer outra modalidade de pagamento automático.

O desastre começaria na saída do teatro, após tomarem um lanche no confortável bar da esquina. Tinha calculado, de antemão, desde casa, o valor das despesas da noite. Grana curta, para não dizer curtíssima. O quanto custaria o estacionamento, a gorjeta para o flanelinha, um lanche melhorado. Separara as cédulas de acordo com a natureza das despesas, distribuindo os valores em cada um dos bolsos do blaiser. Decorara onde se achava cada uma delas. Ao dar a gorjeta ao flanelinha, se confundira, local relativamente escuro; ao invés da nota de R\$ 10,00, dera sem perceber a nota de R\$ 100,00. Gastara antes uns R\$ 45,00 com o lanche. Tanque semivazio, pára em um posto de combustível, mandando colocar R\$ 100,00, o que é providenciado pelo frentista. Ao buscar o dinheiro, consegue pescar somente R\$ 10,00. Revira os bolsos, nada. Percebe, então, que o dinheiro destinado a gasolina passara, inadvertidamente, às mãos do zelador do carro. Confundira-se lamentavelmente. Um prejuízo de todo tamanho. Vira e revira os bolsos, buscando pescar mais algum valor. Inutilmente. Vê-se numa saída justa, não querendo passar mico na frente da jovem. Imprevisto, angústia, impaciência, sensação de vexame.

Teria perdido o dinheiro, é o que alega. Ou teria sido furtado na saída do teatro ou quando em trânsito nas proximidades da lanchonete. Naqueles tempos, como já mencionado, ainda não havia o sistema de cartão de crédito. Tudo era no dinheiro ou no cheque, este não aceito pelo posto. Não tem opção senão perguntar à jovem se ela teria algum valor disponível. Tinha percebido que ela não era ultrafeminista, daquelas superindependentes, que não aceitam favores de homens, mas ela disse também não ter nenhum dinheiro na bolsa.

Após justificar-se com o gerente, o carro ali retido, não teve outra opção senão ligar para um primo, residente em cidade da região metropolitana, explicando-lhe o que ocorrera, suplicando-lhe um sonoro socorro, o que levaria umas boas duas horas, até a chegada do salvador da pátria...

“O encontro inesperado, as situações inusitadas, o que não foi combinado, mas tinha que acontecer” (Rubem Alves)

Realização:



Apoio:

